

O crescimento urbano e as enchentes em Blumenau (SC)

Urban growth and the floods of Blumenau (Santa Catarina)

Simoni Mendes de Paula

Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES
Simoni.mendes@yahoo.com.br

Eunice Sueli Nodari

Doutora em História (PUCRS) e professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e do Grupo de Pesquisa do CNPq – Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.
Eunice.nodari@gmail.com

Marcos Aurélio Espíndola

Doutor em Geografia Humana pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente realiza estágio de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, bolsista CAPES/PRODOC.
marcredriver@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as ocorrências de enchentes no rio Itajaí-Açu, mais precisamente no município de Blumenau, observando de que forma o crescimento urbano da cidade colaborou para o aumento da ocorrência de enchentes, e do seu agravamento. Blumenau, localizado no vale do Itajaí (SC), foi fundado em 1850 por colonos alemães e teve sua história marcada pelas frequentes inundações provocadas pelas cheias do rio. Nos primeiros anos, as enchentes afetavam a agricultura de subsistência e as poucas casas recém-construídas às margens do rio. Nas décadas seguintes, no entanto, com o crescimento populacional e o desenvolvimento industrial da cidade as grandes inundações se tornaram mais frequentes e aqueles que eram eventos naturais se transformaram em desastres ambientais de grandes proporções. Com o registro de óbitos e profundos reflexos na economia, as enchentes de Blumenau no século XX ganharam destaque nas páginas dos jornais de âmbito nacional, modificaram a rotina da cidade e se tornaram parte dela.

Palavras-chave: desastres ambientais; enchentes; Blumenau

ABSTRACT: *This article aims to analyse the floods of the River Itajaí-Açu, specifically in the city of Blumenau, and to observe how the city's urban growth contributed to a rise in the incidences of flooding and the aggravation of their consequences. Located in the Itajaí valley (SC) Blumenau was founded in 1850 by German settlers and its history has been marked by the frequent floods caused by the river rising. In the first few years, the floods affected the subsistence agriculture and the few houses erected by the river banks. In the following decades, however, with the growth in population and the city's industrial development, great floods became more frequent, and what were formerly natural events became large-scale environmental disasters. With the number of dead and profound impacts to the economy, the Blumenau floods of the 20th century gained centre space in national newspapers, modified the city's routine and ended up becoming a part of it.*

Keywords: *environmental disasters; floods; Blumenau*

A cidade de Blumenau, importante centro urbano de Santa Catarina, vem sofrendo com a ocorrência de enchentes desde os primeiros anos de sua fundação, em 1850 quando chegaram as primeiras famílias alemãs. A união de dois fatores foi decisiva para o desenvolvimento da vulnerabilidade da região: a ação humana e a pré-disponibilidade física a eventos naturais. Inicialmente, a ocupação da região seguiu o modelo alemão, chamado *Stadtplatz*, que se baseia no assentamento da população seguindo o curso do rio. Esse modelo ditou a ocupação urbana da cidade, que se manteve às margens do rio Itajaí-Açu, levando ao desmatamento da mata ciliar, ocupação indevida nas encostas, entre outros fatores que levaram ao agravamento das enchentes ao longo dos anos.

Juntem-se a isso as características físicas da região, que já apresentava uma pré-disponibilidade a ocorrência desses eventos. A bacia hidrográfica do rio Itajaí é formada pelo rio principal e seus afluentes que correm em direções opostas, em vales estreitos e íngremes, com uma área total de 15.000 km², o que corresponde a 16,15% do território catarinense (Aumond, 2009, p. 24). O maior curso de água da bacia é formado pelo rio Itajaí-Açu, que nasce da junção do rio Itajaí do Oeste com o rio Itajaí do Sul. A baixa declividade do rio, especialmente na parte onde se situa a cidade de Blumenau, é responsável por inundações em determinadas épocas do ano. Além disso, o espaço urbano da região é amplamente condicionado pelas encostas dos morros, recobertos pela mata Atlântica. A população ocupou uma parte dessa área parcialmente inundável. Com o aumento populacional e as tentativas de fugir das enchentes, teve início a ocupação das encostas. Essas encostas, devido à sua configuração geológica, são regiões de risco em potencial de deslizamentos. “Se descontarmos do perímetro urbano as áreas inundáveis e as encostas com declividade acentuada, a área remanescente, que pode ser considerada urbanizável, mal chega a 20% do total.” (Siebert, 2000, p. 183).

Desde o início da fundação, que ocorreu no início da década de 1850, encontram-se relatos nos quais os estragos provocados pelas primeiras enchentes se fizeram sentir na rotina da nova colônia. O que se observa em comum a essas enchentes dos primeiros anos é que Blumenau nesse momento era uma colônia em formação, seus habitantes, em sua maioria, possuíam uma condição financeira precária e o pouco que se havia construído acabava sendo arrastado pelas águas. Já em 1855, os impactos da enchente são detalhados pelo fundador e diretor geral da colônia Hermann Blumenau em uma extensa carta dirigida ao imperador D. Pedro II.

Menos de 36 horas foram suficientes, para encher o rio até a altura inaudita de mais de 63 palmos além do seu nível ordinário, antes barrancos e as casas nelas estabelecidas e causou tanto na colônia, como em todo o seu comprimento habitado inúmeros males e prejuízos diretos, que em tão pequena distância e população não se podem avaliar em menos de 60 até 80 contos de Reis, e antes em mais do que em menos. [...] A situação foi tristíssima em toda a parte, os mantimentos subiram a um preço enorme e se não queria ver perecer os colonos pela fome e perder inteiramente o

fruto de anos de trabalho pela sua dispersão não havia remédio, senão sustentá-los de novo, com fortes adiantamentos que abatiam todos os meus cálculos anteriores (Blumenau, 1950, p. 41).

Nas primeiras décadas da história da colônia Blumenau o fator social não foi agregado ao fator natural pelos colonos para explicar a existência desses fenômenos “naturais”. Mesmo neste período inicial, em que a região era escassamente habitada e que terras estavam disponíveis, a direção da colônia não se manifestou com a proposta de mudar o povoado para áreas mais altas. Se nos primeiros anos da colonização os imigrantes desavisados ocuparam regiões frequentemente atingidas por enchentes, nos anos subsequentes não são identificadas iniciativas para redirecionar o crescimento da colônia.

Se no início da colonização as enchentes do rio Itajaí-Açu atingiam um número pequeno de moradores, dado o baixo índice de ocupação da região, nas décadas seguintes o cenário foi se modificando. Na década de 1880, a colônia é elevada a categoria de município, tem-se a fundação de muitos embriões das empresas têxteis que movimentavam a economia da região e um aumento populacional significativo. Tendo em vista esses fatores, observa-se um aumento considerável nas consequências das enchentes, inclusive com o acréscimo nos relatos de óbitos.

Com o desenvolvimento econômico, as enchentes passam a ganhar mais atenção por parte do governo imperial/federal e até mesmo de fora do Brasil. É interessante comentar-se aqui que a colônia havia chamado a atenção também de naturalistas, como o britânico Charles Darwin, devido à presença de Fritz Müller, naturalista residente em Blumenau. Em troca de correspondência entre os dois, Darwin ofereceu ajuda a Muller, que havia sofrido danos materiais com a enchente de 1880, especialmente com a perda de livros e espécimes da flora local que utilizava em suas pesquisas. (Darwin, Charles, 1881, [s/p]).

Após a enchente de 1880, a população voltaria a ser fortemente impactada em 1911. Frequentemente, os jornais que veiculavam as notícias de 1911, faziam-no com um exercício de comparação com os impactos sofridos na enchente anterior. Nesse exercício, é unânime a opinião de que os estragos de 1911 foram superiores aos de 1880, embora o nível do rio nas duas ocorrências tenha sido semelhante, em 1880 o rio chegou ao nível de 17,10 metros, enquanto em 1911 o número foi de 16,90 metros. Além dos óbitos, outros elementos compõem essa percepção de agravamento, dos quais se destaca o desenvolvimento urbano. Quanto mais desenvolvida¹ é a região, maior vai ser o impacto do desastre, se no século XIX a população era reduzida, não havia luz elétrica, linhas férreas, estradas abertas, pouco impacto a população sofreria além da destruição de suas casas e suas plantações.

No início do século XX, o panorama é diferente. O jornal *Blumenauer Zeitung* informa que “A luz electrica extinguiu-se: a cidade, então, envolta em tenebrosa noites” (*Blumenauer Zeitung*, 1911 [s/p]). Enquanto isso, o jornal *O Dia* anunciava que “mais de 3000 kilometros de estradas damnificadas – A Estrada de Ferro – pontes, boeiros... tudo se foi” (*O Dia*, 1911, [s/p])

“O vaporsinho apitava, a cada paragem, e de todos os recantos surgiam canções inteiramente cheias de homens e de mulheres, em estado de pobreza extrema, tendo, para cobrir a nudez apenas uns (?) frangalhos, attestados mudos de sua triste indigencia.” (*O Dia*, 1911, [s/p]).

Os relatos de mortes, que praticamente não apareciam nas primeiras enchentes, passam a fazer parte da lembrança dos moradores. Tanto nos relatos sobre as cheias de 1880 e 1911 é possível ler notícias de óbitos, marcando em definitivo a memória do grupo, que tem a tragédia relembrada no momento de enterrar seus mortos. Nas memórias deixadas por Erna Deeke Hosang, traduzidas por Antonio Walter R. Júnior, e posteriormente publicadas no periódico *Blumenau em Cadernos*, vê-se a situação lamentável por qual passou a comunidade da região na década de 1880.

Lá, no topo da árvore, estavam todos bem amarrados: no galho mais alto, a filha, amarrada e bem presa com seu próprio avental; também a mulher, bem amarrada com seu avental e o marido, com seus suspensórios, também bem amarrado: todos mortos. A água tinha ido também sobre a árvore; certamente eles sentiram que estariam salvos na árvore, ao contrário do telhado da casa. (Hosang, 1993, p. 263).

Este foi um dos primeiros relatos encontrados em que se descrevia a existência de mortos em uma enchente em Blumenau. Como no século XIX não era comum que famílias habitassem regiões propícias ao desmoronamento, as mortes acabavam sendo raras, sendo assim, neste cenário, a ocorrência de óbitos representava um desastre sem precedentes. Alguns anos depois, durante a enchente de 1911, Erna Deeke Hosang volta a relatar outra história trágica de óbitos.

[...] Quando amanheceu, o homem agarrou o galho de uma árvore: todos estavam sentados sobre o telhado, que já estava praticamente destruído: as telhas eram firmes, porém já estavam fracas, com a correnteza violenta que levava a casa. [...] eles foram levados pela correnteza, que estava muito forte, arrastando tudo por uns 200 metros até a barragem de uma serraria (Hosang, 1993, p. 265).

Apesar dessa descrição, o jornal *Blumenauer Zeitung* (1911, [s/p]) noticiou, em 14 de outubro de 1911, que a única morte registrada foi a da esposa de Vicente, guarda da linha telegráfica, que morava em Braço do Sul, que foi carregada pela força da correnteza do rio e morreu afogada. A narrativa de Erna Deeke chama atenção para a força das águas, bem como de seu nível em altura, capaz de cobrir o tronco das árvores. Entretanto, mais do que isso, o que deve ser considerado é o fato de uma mesma pessoa ter vivenciado as duas grandes enchentes. Certamente, o acontecimento de uma mesma geração ser atingida por duas enchentes de tamanha intensidade fez com que a anterior não fosse esquecida. A nova ocorrência em 1911 contribuiu para a rememoração daquelas pessoas sobre o fatídico setembro de 1880.

O grande estrago causado pelas águas custou aos cofres públicos valores muito maiores do que em outras enchentes anteriores. A enchente de 1880, que atingiu várias regiões de

Santa Catarina, acarretou um prejuízo final de 488:326\$570 (quatrocentos e oitenta e oito contos, trezentos e vinte e seis mil, quinhentos e setenta réis). Essa quantia se refere às regiões de Itajaí, Blumenau, Luiz Alves, Brusque, Gaspar, Tijucas e Tubarão. (Silva, 2009, p. 50.) Já na enchente de 1911, estima-se que o prejuízo, considerando apenas as mercadorias, foi superior a mil contos de réis (Mascarenhas, 1939, p. 118). E a tendência era de que os prejuízos fossem aumentando com o desenvolvimento da cidade, o que exigiria do governo um auxílio financeiro imediato ainda maior.

Para angariar fundos para a reconstrução da cidade era necessário recorrer a todas as instâncias do governo e da sociedade. Em 1880, a casa imperial brasileira enviou para o vale do Itajaí uma quantia total de 5:000\$000, sendo 4:000\$000 em nome do imperador D. Pedro II e 1:000\$000 em nome da imperatriz Teresa Cristina. Além deles, a região afetada conseguiu arrecadar, através de um grupo de senhoras residentes em Desterro, a quantia de 1:743\$000. Contando também com o auxílio de uma comissão organizada na cidade de Pelotas, na província do Rio Grande do Sul, bem como 3:067\$000 vindos da província do Paraná (*O Dia*, 1911, [s/p]).

A industrialização também teve influência sobre os desastres ambientais da região. Assim como as primeiras casas e agricultura de subsistência, as indústrias têxteis também foram instaladas às margens do rio, para utilizar suas águas na produção da energia que movia o maquinário através de rodas d'água. Percebe-se claramente que, assim como havia ocorrido no início da colônia, o curso do Itajaí-Açu ditou a construção do espaço urbano de Blumenau.

É possível observar que a industrialização acabou por agravar um problema constante de Blumenau, as enchentes. Essa ocupação de áreas próximas às margens intensificou o desmatamento, contribuindo para que os desastres sejam constantes. Ao longo de sua história, várias indústrias instaladas na região tiveram que enfrentar as inundações, que as faziam perder grande parte do seu maquinário. A empresa da família Hering, por exemplo, enfrentou uma grande enchente no mês seguinte a sua fundação, em setembro de 1880, na qual foi inutilizado o único tear, peça responsável pelo sustento da família. Para se reerguer, foi necessário recorrer a um empréstimo junto ao dr. Hermann Blumenau, então diretor geral da colônia, a fim de comprar nova remessa de fios, já que todos os recursos que a fábrica possuía haviam sido empregados na recuperação dos prejuízos causados pela enchente (Hering, 1987, p. 93).

O crescimento da malha urbana e o conseqüente aumento do impacto das enchentes motivou a elaboração de propostas de projetos que visavam produzir medidas que viriam a evitar que as futuras enchentes se caracterizassem como um desastre de grandes proporções, como vinha acontecendo. Geralmente, os agentes do governo municipal ou estadual contratavam engenheiros que pudessem elaborar esses projetos. Os resultados dos estudos estavam, em sua grande maioria, vinculados à reformulação do espaço urbano das cidades do vale do Itajaí, especialmente Blumenau, mas dificilmente eram executados em sua plenitude.

No final da década de 1920, dois especialistas foram consultados com este propósito. Otto Ronkohl, seguido por Adolf Odebrecht, que apresentaram em seus artigos publicados na imprensa regional os resultados de estudos preliminares acompanhados de suas respectivas propostas. Otto, que havia sido contratado, juntamente com o prof. Mauricio Joppert, por determinação do ministro das Comunicações, Victor Konder, publicou no jornal *Der Urwaldsbote* o artigo intitulado *Nosso Problema das Enchentes*, no qual apresentava duas resoluções possíveis: a primeira seria a retenção das águas no Alto Vale por meio de barragens, tendo as águas liberadas aos poucos, o que tornaria a enchente mais longa, porém com pequenos danos. A segunda previa o “desvio de uma parte das enchentes acima da cidade para o mesmo rio ou algum afluente” (Odebrecht, 1930, [s/p])

As propostas apresentadas por Otto foram recusadas por dois motivos. O primeiro do ponto de vista socioeconômico, visto que a proposta inviabilizaria uma grande porção de terras, afetando assim a produção agrícola da região. O segundo seria do ponto de vista técnico, pois foram “[...] destacados os riscos relativos à possibilidade de ruptura do sistema de retenção e também a ineficiência das medidas em casos de enchentes sucessivas, num curto espaço de tempo” (Mattedi, 2000, p. 199).

Adolf Odebrecht também apresenta duas opções para minimizar o problema das enchentes. A primeira seria a construção de represas, esse projeto custaria algo em torno de 20.000 contos, no entanto, para o especialista, o investimento seria um investimento morto, visto que as barragens não poderiam ser utilizadas para instalação de hidrelétricas ou transporte fluvial, pois elas só entrariam em ação no caso de cheias, além de que se duas cheias ocorressem consecutivamente ela não mais preencheria sua finalidade. A segunda possibilidade, e mais viável, seria promover um rápido escoamento das águas. O caminho de Itoupava a Itajaí pelo rio é de 70 km, enquanto por terra é de 56 km, isso se deve às grandes curvaturas do rio, sendo assim, se fosse promovido uma retificação do curso do rio, o leito seria encurtado em 14 km. Para tanto seria necessário a implantação de quatro canais de escoamento (Odebrecht, 1930, [s/p]).

Odebrecht ainda ressaltou que enquanto medidas eficientes não fossem tomadas para amenizar as consequências das cheias, deveria ser proibida a ocupação das áreas baixas, ou, ao menos, que as casas dessas áreas fossem construídas tão altas que a inundação não as alcançasse. Além de que, o autor ressalta que os observadores repassavam as informações sobre o aumento do nível do rio no Alto Vale diretamente para a capital federal, situada no Rio de Janeiro, para depois serem reportadas a Blumenau. Se as informações fossem direcionadas direto para Blumenau, seria possível precisar com 24 horas de antecedência o nível que a água iria atingir em Blumenau (Odebrecht, 1930, [s/p]).

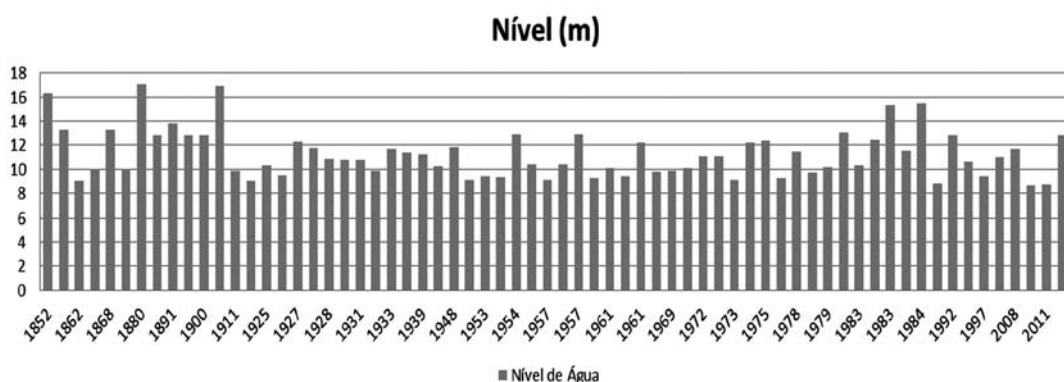
Infelizmente, nessa primeira metade do século XX, nem medidas eficientes foram tomadas nem a ocupação das áreas baixas foi proibida. Pelo contrário, o crescimento urbano desordenado da cidade de Blumenau, aliado a falta de iniciativa do governo, só fez

agravar ainda mais a situação da cidade nos momentos em que as águas do rio subiam e desencadeavam um cenário de desastre ambiental de grandes proporções.

Além disso, com a transformação de Blumenau em polo industrial, a cidade foi sofrendo transformações profundas e que causavam problemas ambientais significativos. A partir da década de 1940, percebemos o abandono gradual do transporte fluvial com barcos a vapor, embora o rio apresentasse grande potencial, especialmente entre Blumenau e o porto de Itajaí. A estrada de ferro construída na virada do século XX foi desativada em 1970. Com isso, a rede rodoviária se consolidou como único meio de deslocamento na região, o que provocou significativo impacto ambiental com o desmatamento, visto que as rodovias seguiam paralelas e na proximidade das margens do rio (Siebert, 2009, p. 44).

A análise de diferentes fontes deixa evidente que o crescimento desordenado da cidade está mais relacionado ao nível de impacto produzido pelas enchentes do que o próprio nível do rio. No gráfico abaixo é possível observar o nível do rio Itajaí-Açu nas enchentes entre o período de 1852 a 2011.

Gráfico do nível do rio nas enchentes ao longo da história de Blumenau.



Fonte: Picos de enchente. Centro de Operação de Sistema de Alerta. Disponível em: < http://ceops.furb.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=42 > (Acesso em 30 de maio de 2014).

Os altos índices, acima apresentados, não significam um quadro de pós-impacto mais desastroso. Verifica-se que o agravamento da situação das enchentes se intensifica com o avanço da ocupação da região e não com o aumento do nível do rio, visto que, junto com a ocupação, tem-se um aumento do desmatamento e da ocupação irregular, levando ao aumento da ocorrência de desastres. Nas primeiras décadas, além de apresentar um núcleo populacional reduzido, o que por lógica leva a uma diminuição nos danos, já que poucas áreas são atingidas, percebe-se também que a perturbação ambiental é menos intensa, ocasionando menos desastres.

O aumento da área ocupada faz com que, com o passar dos anos, as enchentes se tornem mais frequentes, já que não é necessário um nível pluviométrico muito fora do normal para

que o rio supere seu limite. Dessa forma, observa-se no gráfico que a primeira metade do século XX foi marcada por ocorrências frequentes de inundações, porém com os níveis do rio mais contidos, acompanhado de consequências mais graves no pós-impacto com o aumento do número de óbitos, além da destruição de áreas maiores, levando a um aumento significativo no número proporcional de atingidos.

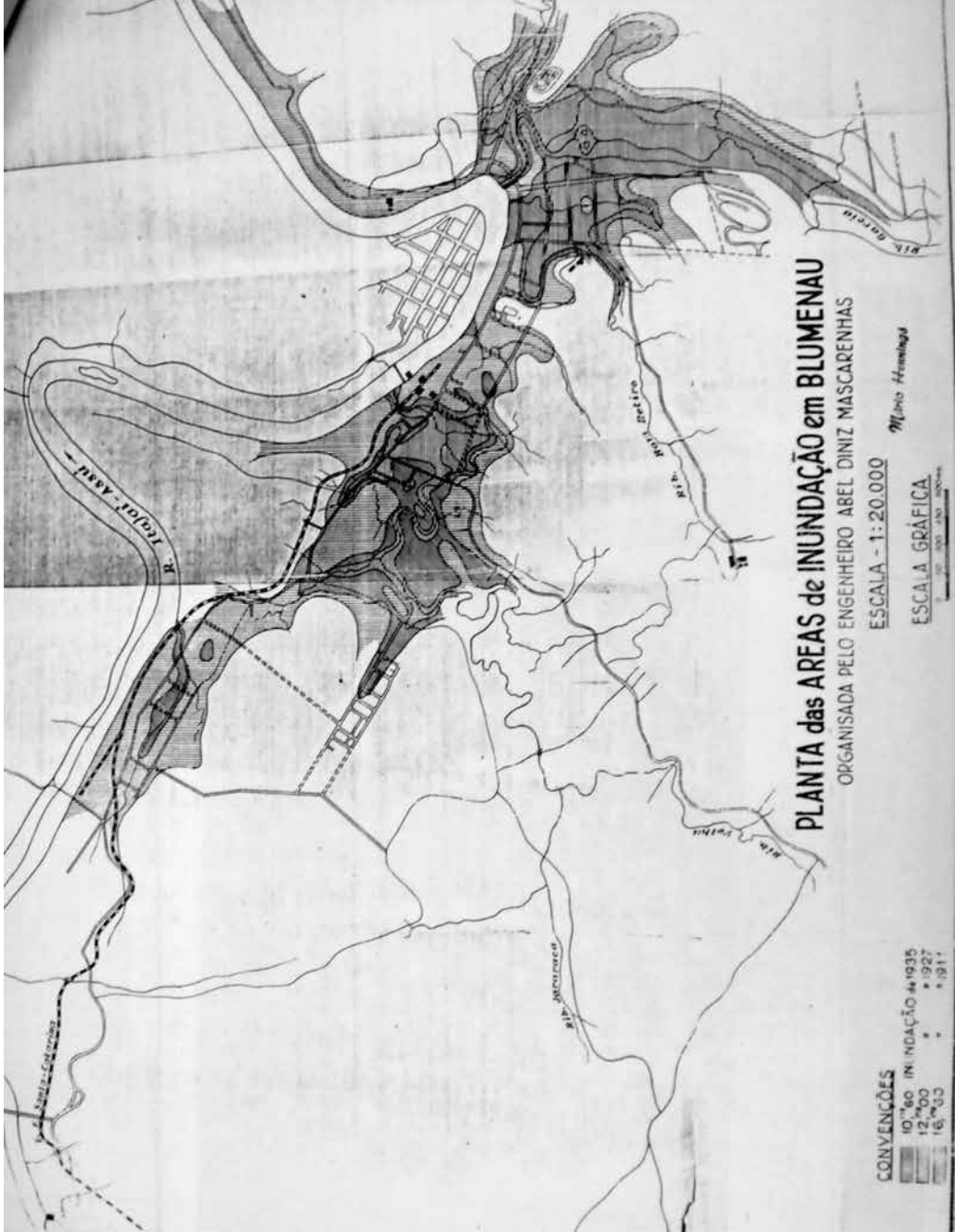
Vale destacar que na enchente de 1880, o rio alcançou o nível mais alto da história, ultrapassando os 16 metros, no entanto o impacto trouxe menos prejuízos e menos óbitos do que as enchentes seguintes, mesmo se levarmos em conta a diferença populacional e a economia da época. Como por exemplo, em 2008, quando o nível do rio chegou a 11,6 metros, bem inferior ao de 1880, mas ocasionou 135 mortes em todo o vale do Itajaí (sendo 24 moradores de Blumenau), em virtude da ocupação das encostas que sofreram com o desmoronamento. Outras enchentes de grandes repercussões ocorreram em 1983 e 1984, quando com o rio atingiu o patamar de 15 metros, inundando 70% da área urbanizada de Blumenau.

No mapa 1, produzido pelo engenheiro Abel Diniz Mascarenhas e publicado em 1939, no Boletim do Ministério da Agricultura juntamente com um artigo sobre as inundações do período de 1851 a 1935, é possível identificar as áreas atingidas pelas enchentes de 1911, 1927 e 1935, sendo que a mancha mais extensa corresponde à grande enchente de 1911. (Mascarenhas, 1939, [s/p]).

Observando o mapa é possível constatar que se o governo tivesse retirado a população das áreas de inundação (medida mais simples a ser tomada) após a enchente de 1911, os prejuízos seriam mínimos nas enchentes das décadas seguintes, visto que foram de menor intensidade. Além disso, retrocedendo um pouco mais, percebe-se que, como foi demonstrado no gráfico anterior, a enchente de 1852 levou o rio Itajaí-Açu a uma altura de 16 metros acima de seu nível normal. Esse nível voltou a se repetir poucas vezes na história, o que demonstra que essa primeira enchente não serviu de parâmetro para os colonos, que mesmo cientes da possibilidade de o rio atingir níveis elevados, optaram por ocupar justo essa parcela de terra que poderia ser inundada a qualquer momento.

Como observado anteriormente, a enchente de 1983, na qual o rio alcançou o nível de 15 metros, ocasionou a inundação de um espaço expressivo no centro urbano de Blumenau, o que comprova que a ocupação da cidade foi sendo direcionada para as margens inundáveis do rio. Isso se deve ao crescente aumento populacional, a urbanização, que promoveu uma aglomeração mais próxima ao centro da cidade que, como já foi exposto, localiza-se no ponto em que ocorrem frequentes cheias. Além disso, a geografia do vale não favorece a ocupação das regiões mais afastadas do rio, devido a seu relevo montanhoso, sendo que a ocupação desses locais (como vem acontecendo desde meados do século XX) agrava o pós-impacto, uma vez que os deslizamentos são frequentes, assim como os óbitos. Apenas com o Plano Diretor de Blumenau de 1989 é que passa a ser proibida a edificação ou aterros abaixo da cota de 10 metros (Siebert, 2009, p. 46).

Mapa 1: Planta das áreas de inundação em Blumenau.
Fonte: MASCARENHAS, Abel Diniz. Departamento Nacional da Produção Mineral. Divisão de Aguas. **Frequência das Inundações no Itajaí-assú, 1939**. Escala 1: 20.000. Disponível no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.



Ações mais efetivas do governo passam a acontecer somente a partir da segunda metade do século XX. Já em 1957 (ano em que ocorreram quatro enchentes seguidas), a recém-criada Defesa Civil tem uma atuação no socorro aos atingidos no estado. Houve ainda a colaboração reconhecida do serviço de pluviometria da Empresa Força e Luz, além das ricas informações fornecidas pela Rádio Clube de Blumenau. Após a enchente, os radialistas do vale do Itajaí iniciaram uma pressão ao poder público com o intuito de cobrar atitudes definitivas para prevenção dos desastres. A pressão obteve êxito e em outubro de 1957, o presidente da República baixou o Decreto nº 42.423, nomeando um Grupo de Trabalho que deveria estabelecer por meio de estudos as medidas que deveriam ser tomadas para minimizar a ocorrência dos desastres. Após uma série de discussões e o aumento da pressão popular, finalmente, em 1964, teve início a construção da primeira barragem do rio Itajaí-Açu, que foi concluída em Taió em 1973, seguida pela barragem de Ituporanga, em 1976, e José Boiteux, em 1992. (Frank; Maior, 1995, [s/p]).

Apesar da construção de barragens, esse período foi marcado por três grandes desastres. O primeiro ocorrido em 1983, seguido de uma nova enchente em 1984. A enchente de 1983, uma das mais longas da história, teve entre o período de 06 de julho e 02 de agosto seis inundações, fazendo com que alguns pontos da cidade se mantivessem com alagamentos durante praticamente um mês (Frotscher, 1997, p. 63).

Frotscher (1997, p. 64) aponta que essa enchente provocou um colapso nas obras públicas e na rotina econômica e social da cidade.

Houve aumento do índice de desemprego, diminuição do poder aquisitivo da população, com reflexo na arrecadação do município. Muitos dados referentes a prejuízos não foram computados por não serem passíveis de levantamento. Além do bloqueio no processo de instalação e expansão de empresas, muitas pediram falência ou deixaram a cidade. Quase 1.500 microempresas possuidoras de 1 a 50 empregados estavam prestes a ruir. 70% do parque industrial se paralisou. Cerca de 90% do comércio citadino tiveram seus estabelecimentos alagados, em virtude do centro comercial da cidade estar localizado exatamente em área facilmente sujeita a inundações [...]. Interromperam-se também todos os serviços relacionados ao fornecimento de água, energia elétrica, telefonia e serviços de transporte coletivo. (Frotscher, 1997, p. 64).

A crise econômica que já vinha assolando o Brasil na década de 1980, a “década perdida”, trouxe para Santa Catarina um agravante com as enchentes. A redução dos investimentos nas indústrias tradicionais, como a têxtil, já havia ocasionado um desgaste da economia de Blumenau no cenário estadual, visto que a indústria têxtil respondia por 60% da arrecadação fiscal do município. Porém, com as enchentes o panorama da crise aumentou (Frotscher, 1997, p.65).

O jornal *O Estado*, de 02 de agosto de 1983, ressalta os problemas psicológicos criados com o trauma gerado a partir da enchente. “O blumenauense voltou a conviver com a

enchente no primeiro dia de agosto e não tem previsão de quando esta situação terminará. Algumas pessoas já apresentaram sinais de traumas, enquanto cresce o número de compras de calmantes” (*O Estado*, 1983,²³ p.5). Além de todos os problemas citados acima, o jornal ainda aponta o racionamento de gasolina, implementado pelo governo municipal, em virtude da destruição do atracadouro da Shell, o que inviabilizaria o fornecimento de petróleo.

Após um século e meio de ocupação, o maior desastre ambiental relacionado às enchentes em Santa Catarina ainda estava por acontecer. Na noite do dia 22 de novembro de 2008, após um extenso período de chuvas constantes, que resultou na saturação do solo, o vale do Itajaí foi assolado pela maior tragédia ambiental de sua história (Mattedi, 2009, p.16.). Este desastre se tornou emblemático para exemplificar o papel do crescimento urbano desordenado na deflagração de grandes enchentes.

Nas últimas décadas, Blumenau vivenciou uma verticalização das construções nessas regiões inundáveis. Os novos empreendimentos visam à construção de garagens e salões de festas nos primeiros andares, desta forma, a moradia da classe média não sofreria com os efeitos imediatos das enchentes. Enquanto isso, as classes mais baixas, impossibilitadas de adquirir esses imóveis devido à especulação imobiliária, passam a habitar as encostas dos morros para fugir das enchentes. Desde os anos 1970, a ocupação irregular acompanhou o crescimento demográfico da cidade (Siebert, 2009, p.46).

O que se viu em 2008 foi a convergência de elementos que foram fatais para o vale do Itajaí. O crescimento desordenado e o elevadíssimo volume de chuvas em um curto espaço de tempo (Blumenau registrou em cinco dias mais de 600 mm de chuva) foram cruciais para desencadear um desastre de números assustadores. Além dos 135 óbitos já citados anteriormente, o desastre deixou quase 80 mil pessoas desabrigadas em todo o vale, além disso, 103 mil pessoas em Blumenau foram afetadas de alguma forma (Mattedi, 2009, p.14.).

As medidas tomadas pelo governo após o desastre foram de caráter emergencial. O governo federal injetou verba para os cuidados mais emergências, tais como a reconstrução do porto de Itajaí, prevenção de epidemias, socorro aos desabrigados, reconstrução de rodovias, entre outros (Schiochet, 2009, p. 151). No entanto, assim como ocorreu com as enchentes anteriores, poucas foram as ações apresentadas e executadas que visassem impedir a ocorrência de um novo desastre que, por ventura, veio a ocorrer em 2011.

Assim, finalizamos esse artigo com uma declaração emblemática que o jornalista José Ferreira da Silva proferiu em 1975 a respeito das soluções para o caso das enchentes em Blumenau, mas que permanece tão atual:

Estudam-se medidas, realizam-se reuniões, expedem-se telegramas, votam-se créditos e quando tudo parece encaminhado, surgem, inesperadamente, os obstáculos e as dificuldades, emperra-se a máquina administrativa e as coisas voltam melancolicamente, ao anterior marasmo, no meio do desanimo e da descrença do povo. (Silva, 1975, 39).

Notas

¹ Leia-se que o desenvolvimento aqui não está relacionado a uma visão consciente e ambiental de desenvolvimento, mas sim a ideia de progresso, urbanização.

Referências Bibliográficas

AUMOND, Juarês José, *et al.* Condições naturais que tornam o vale do Itajaí sujeito a desastres. In: BEATE, Franke; SEVEGNANI, Lucia.(org) *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí: água, gente e política*. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

Blumenauer Zeitung, 14 de outubro de 1911. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Carta de dr. Blumenau dirigida ao Imperador D. Pedro II, em 30/04/1856. In: *Revista do Instituto Histórico de Petrópolis*, Rio de Janeiro, vol. I, ano 1950.

Correspondência Família Muller. *Cartas de Fritz Muller e Charles Darwin*, dia 21 de junho de 1881. Carta número 690.

FRANK, Beate; SOUTO MAIOR FILHO, Joel. *Uma Abordagem para o gerenciamento ambiental da bacia hidrográfica do Rio Itajaí com ênfase no problema das enchentes*. 1995. 326f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/teses/beate/capit_2/cp2_bea.htm> (acesso em 02 de janeiro de 2012).

HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo do modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: editora da FURB, 1987.

Jornal *O Dia*, 11 de outubro de 1911. A inundação de 1880 – Extraído da fala do Presidente dr. João Rodrigues Chaves. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Jornal *O Dia*, 12 de outubro de 1911. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Jornal *O Dia*, 14 de outubro de 1911. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

MASCARENHAS, Abel Diniz. Departamento Nacional da Produção Mineral. Divisão de Aguas. *Frequência das Inundações no Itajaí-assú*, 1939, Escala 1: 20.000.

MATTEDI, Marcos Antônio, *et. al.* O desastre se tornou rotina... In: BEATE, Franke; SEVEGNANI, Lucia. (org) *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí: água, gente e política*. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

MATTEDI, Marcos Antônio. A formação de políticas públicas em Blumenau: o caso do problema das enchentes. In: Ivo Marcos Theis, Fabrício Ricardo de Limas Tomio. (Org.). *Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente*. Blumenau: Edifurb, 2000, v.1, p. 199.

ODEBRECHT, Adolf. *O problema das enchentes – estudos preliminares sobre o desvio da ameaça das enchentes no município de Blumenau*. Blumenau, 1930.

SCHIOCHET, Valmor. A ação governamental frente aos desastres. In: BEATE, Franke; SEVEGNANI, Lucia. (org) *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí: água, gente e política*. Blumenau. Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

SIEBERT, Claudia Siebert. A evolução urbana de Blumenau: a cidade se forma (1850 – 1938). In: THEIS, Ivo Marcos, *et.al. Nosso passado (In)comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau*. Blumenau: Ed. Da FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000.

SIEBERT, Cláudia. (Des) controle urbano no Vale do Itajaí. In: BEATE, Franke; SEVEGNANI, Lucia.(org) *Desastre de 2008 no Vale do Itajaí: água, gente e política*, Blumenau. Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

SILVA, José Bento Rosa. *Enchentes de 1880 e 1911 – Inundações e temporais em Itajaí: passado/presente*. In: *Blumenau em Cadernos*, tomo 50, nº 5, set/out de 2009

SILVA, José Ferreira da. *As enchentes no Vale do Itajaí*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975.

Recebido em 05/06/2014



Dossiê
Cemitérios do Rio Antigo

Cemitério - Augusto Malta - sem data
Rua Real Grandeza-Botafogo-Rio de Janeiro
Trecho da rua Real Grandeza, Botafogo, vendo-se edificações, automóveis, postes da rede elétrica, e a
direita, o cemitério de São João Batista. Ao fundo, morro Dona Marta.PDF/AM/NV-2036